

A



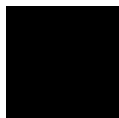
**REVO
OÇÃO
PROSÉTICA**

MANIFESTA

CARLOS OLIVEIRA SANTOS

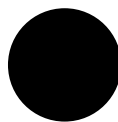


para o A. Dasilva O.



a epimerdia puétika luza pé de tratamen tu.

eys so loção



Colho, à sorte, o cerne do actual conservadorismo poético. Na revista *The Dark Horse*, que o poeta Gerry Cambridge começou a editar em 1995, lá para o Ayrshire escocês, Peter Dale, um reformado editor da notória revista *Agenda*, publicou, dois anos depois, «The State of Modernism» em que ressuscita a memória daqueles que, nos arrabaldes da segunda grande guerra, sustentavam que «there might still be life... in the old rhythms and a route to develop that might avoid the excesses of fully-fledged modernism.». Compreenda-se: os excessos de modernismo dos Elliot ou Pound (que foi, aliás, fundador da *Agenda*, com William Cookson, em 1959); tipos, segundo Dale, definitivamente infetados por «personality, difficulty and arrogance in the extreme».

E continua: que o século XX precisava de novas bases rítmicas para a poesia, considera-o ele «clearly spurious». O que se impõe é «a confiança que derivava do velho contrato entre o poeta e os velhos princípios formais». Sim, porque, Dale *finished*, «poetry does not derive from -isms».

So

no -isms! for Peter

Paragem para digerir est

«a confiança que derivava do velho contrato
entre o poeta e os velhos princípios formais»

(e só uns breves **Ah, Ah, Ah! Ah, Ah, Ah!**)

Em 2003, o poeta e crítico James Aitchison veio, também na *The Dark Horse*, com o seu «Obscurity in Poetry». Aqui, a coisa ainda é mais clara, com *o poeta* a ser definido, por dever e obrigação, imagine-se, como «a servant of order rather than chaos, of completeness rather than fragmentation, and of coherence rather than obscurity».

«Uma grande aberração da poesia do século XX», dizia Aitchison, «foi a de alguns poetas acreditarem, ou pretenderem acreditar que a poesia deve ser caótica, fragmentária e incoerente por forma a refletir as condições da vida moderna.»

leram bem:

~~foi a de alguns~~ poetas acreditarem
~~, ou prete n derem acreditar que a~~
poesia ~~deve ser~~ caótica, fragmentária e
incoerente ~~por forma a refletir estas condições~~
~~da vida~~ moderna

é uma **ABERRAÇÃO???!!!**



Aqui chegados



Alto lá! O quê?! O quê?!

resumamos:

a grande aventura prosética

todos os que

recusaram o estabelecido,

assumiram o indizível,

ousaram o invisível!

subverteram formas e conceitos

os da proesia

caótica, fragmentária e incoerente

auda**Z**

Cesário Verde. Ângelo de Lima.

Álvaro de Campos. Mário de Sá-Carneiro. José de Almada Negreiros.

António Maria Lisboa. Mário Cesariny.

Pedro Oom. Luiz Pacheco. Alexandre O'Neill. Mário-Henrique Leiria,

António Ramos Rosa. Herberto Helder.

Ernesto De Sousa. E. M. de Melo e Castro. António Aragão.

Salette Tavares. Ana Hatherly. José-Alberto Marques.

Silvestre Pestana. Liberto Cruz. Alberto Pimenta.

Fernando Aguiar. Ruben A. Nuno Bragança. Maria Velho da Costa.

Maria Gabriela Llansol. António Lobo Antunes.

Alface / Manuel Silva Ramos. Alberto Velho Nogueira

aberrantes e

submetidos a servos da ordem???

Sem esquecer que, a rematar, Aitchison
(como não podia deixar de ser)
ainda disparava um *pogrom* contra

«

toying with

syntax

and

punctuation,

line

and stanza

»

Portugal ,

Muito depois do pós-guerra, mas muito antes de actuais conservadores como aqueles, no seu «Alguns aspectos dos últimos anos», 1981, Joaquim Manuel Magalhães deu, por cá, o tom maior do que seria algo do tipo, com o seu «afastamento da noção de, antes de mais, o poema ter que valer como espaço conceptual», afastamento «duma hipótese poética que surgisse preocupada com o poema enquanto objecto verbal», afastamento de qualquer «desorganização do tecido sintáctico do poema», rumo, sim, ao «explicitamente emocional», ao «esforço de afirmação do sentimento de si e do mundo», de «toldadas experiências íntimas»...

Este chamado «regresso à vida» criou, desde então, um monocórdico tom da poesia portuguesa que desagua até hoje; invariavelmente, mesmo nos casos em que alguns criadores poéticos foram emergindo.

Qualquer arrobo de experimentalismo poético aceitou o atestado de óbito que (o estreito de) Magalhães lhe gizou, calou-se, remeteu-se à sombra ou foi a ela remetido pela indústria dita cultural.

uma desgraça.



Teve Sena, já no seu «Rainer Maria Rilke, post-simbolista», de 1967, mas sobretudo em «Sobre o Modernismo», de 1978, a perspicácia de traçar uma geografia poética do século XX que divisava duas grandes vertentes essenciais. Cite-se:

«uns vieram da atmosfera simbolista para uma visão estética pessoal, que a transcende, enquanto outros dela passaram ao vanguardismo; outros ainda, ficaram sempre com o pé em ambos os lugares; e outros foi só no vanguardismo que se realizaram plenamente. É por isso que a distinção entre *post-simbolismo* e *vanguardismo*, um e outro não movimentos, mas características gerais de tendências de uma época que é uso chamar *modernista*, se impõe cada vez mais, não por uma mania classificatória, mas para que, na confusão com metástases simbolistas, se não diluam quer o impacto da revolução estética que o vanguardismo foi, quer o significado do que os grandes post-simbolistas fizeram.»

Leia-se post-simbolismo como uma certa continuidade verbal deste, sujeitando-se a um fraseado tradicional (do agrado dos Dale/Aitchison/Magalhães), embora com uma fenomenologia mais complexa e diversificada.

Leia-se vanguardismo como a instrumentalização da própria linguagem, a sua experimentação por ruptura/destruição dos banais códigos comunicacionais. Dito de outro e de mais recente modo, é o que Alberto Velho Nogueira – esse singular e decisivo eremita que atravessou o desértico caminho destas décadas, tão alheio aos seus fedores – refere quando fala da *ficção* (sem a distinguir de poesia; tal como Sena considerou Joyce «um grande poeta de vanguarda em romance»), quando fala da **proesia** (digo eu) que (diz Nogueira) «age fora dos princípios da “linguagem de contrato”, e funciona como uma abertura – destruindo, reconstruindo, desconstruindo... – e que conterà uma mais autónoma crítica do social e dos códigos que gerem não só o social mas os cérebros»...

«É neste sentido que uma obra ficcional funciona de modo autónomo se se encontrar nela uma função de desacordo – não de acordo – com as regras e princípios administrativos que até agora e ainda hoje governam uma sociedade...» (*Ensaio 2*, 2019)

Sublinhe-se: busca de autonomia para os cérebros – base de qualquer criação destruidora, reconstrutora, desconstrutora ou, se quiserdes, vanguardista.

O importante em Sena era a permanência daquela tensão entre post-simbolismo e vanguardismo, ambos componentes do modernismo, entre as quais inúmeros criadores, inclusive, saltitaram, nos melhores casos, à maneira das vozes comunicantes de Herberto Helder.

A questão é que essa tensão, que tanto enriqueceu a criação do século XX, foi empobrecida, nas décadas recentes, pela anulação de vanguardismos, pelo abandono e estrangulamento das suas desnormas, abandono e estrangulamento mais ou menos impostos pelo «regresso à vidinha», mas seguramente pela chamada indústria cultural que tão bem a foi embalando.

Quanto a essa dita indústria, são, neste sentido, bem-vindos os recentes «raivosos» como Diogo Vaz Pinto, guerrilheiros por dentro das nescas do tasco, bombardeando, como podem, negociatas, clientelagens, castracionismos reinantes, fustigando-os de peito aberto, enquanto lêem, relêem, treslêem com a aspiração de que não estarem a comprar, a carimbar, a vender, **nem a** _____.



(do pai-filho-da-mãe da melhor teoria poética em português)

A. M. Lisboa:

« a crítica é a forma da nossa permanência

....

criticar é a nossa função positiva

»

uma literatura sem crítica não é literatura, é lápide.

por isso, o comércio e as múmias
tanto se afinam em estrangulá-la.

Não deixa, assim, de entusiasmar ver alguém que afirma
(para-fora-e-para-dentro-de-si, sem modéstia de imodéstia):

«... demos passos nunca antes dados, com uma liberdade incomparável, provocando todo o tipo de ódios e invejas, azucrinando a paciência das nossas mais balofas sumidades, das jovens potências pardas, de editores canalhas, de tantos “colegas de ofício” que não faziam mais que tilintar como trocos no bolso dos do poder, promovendo quem era preciso promover a cada semana, queixando-se sempre muito das condições enquanto levavam para casa somas que poderiam humilhar-me, não soubéssemos nós que eram o preço pago contra a inteligência e o discernimento...» (*O Anticrítico*, 2023)

raiva

é denúncia, escarro,
monte de esterco atirado
mesmo sem saber se se acerta
em algo ou alguém.

Raiva, contudo, não chega, não.

é, a seu modo, um rebaixamento à lama.

O que aquilo tudo

- balofas sumidades, potências pardas,
editores canalhas, trocos no bolso do poder, etc, etc -

merece é

desprezo, desprezo, desprezo.



prezarmos, prezarmos, prezarmos,

isso sim,

o cheiro a pólvora que ascende do campo onde se
catam novas abordagens, onde se revolvem as
linguagens num estertor, se contorcem palavras
dentro de palavras, letras contra letras, formas
sem forma, nem reforma.

sobretudo

hoje, em que as linguagens, mesmo sem criadores, já se revolvem caoticamente, a elas próprias, pernas abertas, à beira do caminho, para serem esventradas à vontade, rabos alçados à espreita de esgarça, cavando constantemente as tumbas do que sobre elas se vai estatuindo.



Por tudo isto, se deve proclamar – e isso aqui fica

pro pro pro

clamado – que é necessário, absolutamente necessário, necessário absolutamente, uma, muitas, várias novas vagas de vanguardismo, de experimentalismo, de rupturas, destruição, reconstrução, desconstrução – chame-se o que se quiser – na

**proesia
protuguesa**

com **criadores**

prontos a bem passar sem serem

lidos;	
vendidos,	nunca;
comprados,	impossível;

a bem passarem sem

recensões jornaleras,	ignoradas;
concursos,	con como?;
prémios,	quê?:

prontos, sempre prontos, ou melhor, desejosos da

derrota irrevogável;

mas sobrar-te-á a certeza (**sobrar-lhes-á?**)

de por aqui teres passado com alguma

VIDA
VIDA

, a tua ,

sem te atascares em «regressos» a uma

e a notícia da tua morte será manifestamente um exagero.

[claro que tudo isto não dispensa um certo

riso, ri, ri, ri, riso

Pacheco, Cesariny, O'Neill, Mário-Henrique, Natália,
Dinis Machado, Adília...

sempre profilático.

até porque o próprio Joaquim Manuel Magalhães lá
confessa que «a poesia não é uma normatividade» (*Rima
Pobre*, 1999) e, por ela e por tal, «os códigos combativos...
acabam depressa por ser apenas o pasto dos seus
historiadores e até dos seus teóricos»]

Oxalá.

[[[nós somos a negação e a negação da negação]]]



Carlos Oliveira Santos

Poesia

(1982) *Pra Lavras*. Edição colectiva dos autores, Azambuja.

(1984) *Anuário de Poesia, Autores Não-Publicados*, com o pseudónimo Carlos D'Ó. Assírio e Alvim, Lisboa.

(2006) *Palavras Somos Nós*. Scribas Editores, Lisboa.

(2008) *US America*. Scribas Editores, Lisboa.

(2024) *Aye, poemas escoceses*. Âncora Editora, Lisboa.

A Revo Loção Prosética – ManiFesta

© Carlos Oliveira Santos

Edição do autor, publicada em Fevereiro de 2025,
com impressão na Let's Copy, Lisboa

online em www.poemasescoceses.com

Pedidos de exemplares impressos para
costerra1953@gmail.com

A

**REVO
OÇÃO
PROSÉTICA**

MANIFESTA

